



A AURORA



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Formosa 242-2.º—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL—Antonio Alves Pereira

SUBSUCAL EM LISBOA
Rua do Arco da Graça, 4-2.º

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR—Hactel Barbosa

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)
Um mez 405 (50 reis); Semestre 530 (300 reis); Um ano 580. (600 reis)
Para fora do paiz acresce o importe do selo.
Numero avulso 301 (10 reis)
Comp. e Imp. na **Tipographia Peninsular**
Rua dos Mercadores, 171—PORTO—Telefona 73

A pretensa bancarrota da Internacional

Um artigo de Krapótkine

No n.º de 6 de Novembro de *La Bataille Syndicaliste*, Krapótkine publicou, sob aquêlle título, um daqueles seus fortes e claros artigos que, ainda quando não convencem, agradam e fazem meditar. Passamos a resumir-lo para o comentar.

A guerra actual, diz elle, não matará a Internacional, como não a matou a guerra de 1870-71. Reconstituir-se há; mas terá de introduzir um novo principio em seu programa:

Os trabalhadores comprehenderão que, ao entrar em seu seio, cada membro da Associação deverá prestar, em seu foro intimo, o juramento de estar pronto a intervir, na medida das suas capacidades—até a pegar em armas—para defender toda e qualquer nação que outra nação mais forte procure conquistar ou reter pela força sob o seu dominio.

Sem isso, não pode haver verdadeira Internacional.

Em 1872, na primeira reunião pública duma secção da Internacional a que Krapótkine assistiu, ouviu elle dizer a um operário suizo, Greulich, que qualquer tentativa da Polónia para se libertar do jugo estrangeiro acharia eco e apoio entre os operários helvéticos. A reunião comemorava uma sublevação polaca. E Krapótkine comenta:

Aquilo era verdadeiro internacionalismo. Porque, enquanto houver uma só nação, oprimida por outra nação e impedida por esta de falar a sua lingua, do desenvolver o seu génio nacional e de ter as formas politicas que a ella requer—enquanto houver uma só nação na situação soffrida pela Itália até a guerra de 1859 e as insurreições de 1830; ou uma nação em pedaços, sob o jugo de três Estados, como succede ainda com a Polónia; ou uma nação dominada por outras, como as pequenas nacionalidades eslavas nos Balcans, a Finlândia, os letões, os pequenos-russos, os georgianos e os hebreus na Rússia, os irlandeses na Inglaterra, os habitantes do Schleswig-Holstein na Alemanha, e assim por diante—enquanto houver essa oppressão, e enquanto cada internacionalista não tiver decidido combatê-la, não haverá Internacional. Haverá apenas um simulacro.

Só ajudando essas nacionalidades oprimidas a libertarem-se é que os revolucionários sociais poderão exercer influencia sobre o ulterior desenvolvimento delas. Nos seus primeiros seis anos, a velha Internacional comprehendia isto. Mas depois de 1870 começou o marxismo a predominar. Desde que se tivesse um simulacro de parlamento já o proletário não devia importar-se com formas de governo. Nenhuma revolução socialista seria possível sem que o capitalismo tivesse atingido o máximo desenvolvimento e a máxima concentração nas mãos dum pequeno numero de exploradores, sem que «o Capital chegasse á negação de si mesmo». Mostrou-se a impossibilidade de qualquer tentativa revolucionária, económica ou politica e recomendou-se ao mesmo tempo a «conquista dos poderes públicos» no Estado burguez actual. Espalhou-se a dúvida quanto ás tentativas de revolução, bem como a indiferença em face da oppressão politica. Negou-se qualquer utilidade aos esforços pela independência das pequenas nacionalidades. «Efeitos dos rublos russos», dizia-se desdenhosamente. Em suma: «para acelerar a queda do Capitalismo, era preciso favorecer o seu crescimento e centralização». E af está porque a social-democracia apoiou uma guerra de conquista.

Tal é o resumo do artigo de Krapótkine.

Capitalismo económico ou politico

Krapótkine combate a idéa marxista segundo a qual o des-

envolvimento e centralização do Capitalismo e do Estado são condições necessárias e fatais para a socialização das riquezas; e, na verdade, essa idéa nunca nos seduziu, por mais que nos tenham decantado as vantagens proletárias e revolucionárias da grande industria, levada á sua maior intensificação, agrupando o proletariado, mas tendendo a produzir o militarismo e o imperialismo, um Capitalismo e um Estado ricos e fortemente armados. E em todo o caso, sempre achámos que, sejam quais forem as condições, mais ou menos favoráveis, oferecidas pelo Capitalismo á nossa acção e propaganda, a nossa tarefa é sempre essencialmente a mesma, bem distinta, bem nossa, destinada a preparar moral e materialmente a classe operária para a revolução social.

Mas em troca dêsse fatalismo económico, do qual nunca quise-mos fazer depender a nossa acção e que levou tantos socialistas ao reformismo burguez e ao imperialismo, que nós oferecemos agora? Outro fatalismo de natureza politica, segundo o qual a Internacional não é possível, sem que antes nos façamos defensores do principio das nacionalidades, sem que inscrevamos no nosso programa essa questão incerta, graças á qual seríamos joguete de todas as especulações politicas, patrióticas e burguezas e que é insolúvel segundo a forma estatal, servindo em regra de pretexto nobre e de alimento idealista para as lutas de interesses politicos e burguezes.

Os marxistas entendem a unidade de modo autoritário, como uma centralização estatal; iremos nós, por nossa vez, com receio dos grandes Estados militaristas, fazer retrogradar o nosso programa, fazer depender a nossa acção da independência das pequenas nações, da subdivisão dos grandes Estados, entender o federalismo também de modo autoritário? Nem uma coisa, nem outra desejamos. A unidade, como a concebemos, deve resultar naturalmente da concordância de interesses, aspirações e vontades, sem coacção para nenhum individuo e para nenhum grupo; e a federação, pará nós, não deve ser de Estados, de governos, de territórios, mas de grupos livres, directa e voluntariamente ligados.

Ou devemos logicamente abandonar o nosso programa e acção especiais, deixando-nos ir ao sabor dos acontecimentos e exercendo uma actividade democrática qualquer, mesmo legal e parlamentar, pois a História lá irá ter...; ou mantenhámo-nos firmemente a nossa tarefa especifica, através de todas as vicissitudes, através de todas as dificuldades, grandes ou pequenas. O nosso programa já inclui todas as reivindicações, todas as liberdades—individuais, económicas, politicas, éticas, etc., pela destruição de todas as coacções e pela organização livre da vida social.

A nossa «neutralidade»

Podemos, sem dúvida, ganhar com a solução das questões de independência nacional. Além do perigo dos grandes e fortes Estados, casos há em que a questão da independência ou autonomia nacional prejudica o desenvolvimento da acção, organização e propaganda proletárias, chamando a si a maior parte das actividades e atenções. Quer isto dizer que devamos, nós também, fazer-nos

nacionalistas e deixar de propagar a nossa solução completa para as várias questões sociais? Se, por aqueles mesmos motivos, desejamos a substituição da monarchia pela república, devemos defender a solução republicana, confundir-nos com os republicanos e largar a nossa missão especial?

Repugna-nos a linguagem verdadeiramente infame daquele socialista (l) reformista italiano, L. Bossi, que escreve da Alemanha ao órgão da Confederação do Trabalho reformista da Itália protestando contra um artigo severo para os invasores e perguntando aos redactores porque não dizem que as severas medidas tomadas pelo exército alemão na Bélgica foram unicamente provocadas pela infame traição da população belga!!!

Achamos bem que os belgas se tenham batido e resistam ao invasor, visto que não possuem outro ideal mais elevado e completo: entre o patriota ardente que se defende e luta pelo seu ideal e os apáticos indifferentes, sem ideal, nem paixões, nem energia combativa, preferimos certamente o primeiro, achando-o mais próximo de nós.

Mas também preferimos o eleitor convicto ao abstencionista indifferente, que não vota por ignorância ou passividade, incapaz de se interessar pela vida colectiva. E na luta eleitoral, preferimos a vitória dos mais avançados, não por causa da ascensão dos politicos radicais pois no poder todos os politicos se equivalem, mas porque essa vitória indica um estado do espirito publico mais favorável a nós e ainda porque os eleitores ganham experiencia.

Quer isso dizer que devamos votar e fazer propaganda eleitoral e parlamentar, que devamos reconhecer as vantagens do parlamento e das reformas legais?

Muito nos surpreende que nos digam agora que a nossa neutralidade revolucionária significa cumplicidade! A mesma accusação nos era feita—por adversários, não por camaradas—em tempo de eleições, quando nos diziam que a nossa propaganda antielectoral favorecia os governos e os partidos retrógrados. E' a accusação infantil que se pode lançar contra qualquer partido, moderado embora, que lute contra dois outros. Em obediência a esse raciocinio absurdo, nunca se daria um passo em frente; e os partidos mais avançados seriam um joguete imbele e inútil nas mãos dos detedores da opinião pública e da governança.

Os nobres pretextos

E depois, trata-se agora duma luta pela liberdade e pela independência dos povos?

Trata-se ao menos duma guerra nacional, duma sublevação contra o dominio estrangeiro como a insurreição polaca celebrada pela primeira Internacional? Trata-se duma revolução popular reivindicando as liberdades de que nos fala Krapótkine no segundo trecho acima transcrito?

Quando vemos toda a burguesia chamar-nos em socorro da liberdade, e Estados que sempre viveram de conquistas e anexações correrem a salvar neutralidades e independências, o nosso retraimento tem razões de sobra.

A Alemanha fez-se um grande império capitalista e militar, favorecida nesta sua última feição pelo atraso da sua evolução politica, pela falta de educação e tradições revolucionárias. Mas, dado o regime capitalista, que os patriotas e os Estados em guerra aceitam e defendem, um país de grande industria burguesa necessita (sob o

ponto de vista, não humano, mas capitalistico) expandir-se, conquistar colónias, fazer mercados, fazer guerras de interesses. Sentindo essa necessidade capitalista e julgando-se a mais forte, a Alemanha escolheu o seu ensajo, agrediu e invadiu sem escrúpulos.

Os seus rivais, menos militarizados, menos preparados, mais tolhidos pela opinião pública, collocaram-se numa posição mais defensiva. Mas também é preciso notar que elles já estão servidos, começaram mais cedo a fazer imperialismo, abotoaram-se com todas as melhores colónias. Podem esperar; a sua tarefa é mais defensiva e conservadora. O que, aliás não os impediu de se prepararem para aproveitar o primeiro ensajo de esmagar a rival perigosa e de praticarem, mais pacientemente porque menos apressados a famosa politica do *encerclement*.

A Alemanha, brutal e infamemente, violou a neutralidade belga—o que foi para ella sobretudo um erro prejudicial; ao passo que a Inglaterra, mais hábil ou mais feliz, aproveitou logo esse belo motivo para entrar na pugna, servindo-se dum bom trunfo moral que redundava em vantagem material, num apoio do país e do mundo. A Inglaterra convém, aliás, na situação geográfica da Bélgica, um pequeno país neutral.

Em todas estas atitudes teve peso certamente e estado de espirito do povo francês e inglês; mas se os dois países occidentais são mais livres e menos agressivos, não o devem aos seus governos, ao seu Capitalismo, ás suas castas financeiras e militares, que manobram por trás das ficções democráticas. Devem-no ás tradições liberais e revolucionárias do povo, sempre traído e ludibriado pelos seus dominantes e exploradores.

Nesta guerra, como nas outras, a questão da invasão e da violação de neutralidade, pondo embora em relêvo a infâmia e ferocidade dos Estados e seus processos, é uma questão incidental e derivada; e se nós, revolucionários sociais, colaborássemos voluntariamente nesta conflagração de interesses capitalistas, tomando partido na questão incerta de invasores e invadidos, agressores e agredidos, longe de cooperar na prevenção de futuras guerras e agressões, fortalecéríamos o Capitalismo, o Estado e o militarismo, isto é, as próprias causas das guerras e invasões.

A nossa tarefa

Como em muitas outras lutas nas quais não podemos nem devêmos intervir, podemos nesta ter preferências, de accordo com o interesse das nossas ideas e da emancipação proletária. Assim, achamos menos perigosa a vitória dos aliados, mais vantajosa a derrota do imperialismo alemão; mas nem por isso queremos sacrificar a resultados incertos o nosso ideal e a nossa tática; a nosso ver, perderíamos muito nesse jogo.

¿Não temos nós uma tarefa própria, que é a mesma de sempre? Na carta de Krapótkine ao professor Steffen, encontra-se esta passagem:

As causas da guerra deverão ser atacadas pela raiz. E temos grande esperança de que esta guerra há de abrir os olhos ás massas trabalhadoras e a numerosos homens no seio das classes médias. Eles verão a parte tomada pelo Capital e pelo Estado para produzir o actual conflito entre nações.

E Bertoní comenta justamente:

Eis o único programa anarquista que nós aceitamos. E' enorme e somos ainda tem poucos para o cumprir, que bem mal faríamos desviando-nos dele por qualquer outra tarefa que só o sentimento e não a razão nos aconselhasse.

Para nós a guerra só poderia significar

car revolução social imediata. Tal era também o pensamento de Bakunine, que sem razão alguns citam hoje para nos aconselhar que sigamos as bandeiras dos Estados do Triplo Entendimento.

Mesmo pondo de parte a possibilidade duma revolução, não nos falta o trabalho.

E não é só a obra normal de propaganda e preparação contínuas.

E' a defesa do terreno conquistado, sobre tudo na organização operária; é a conservação dessa mesma organização, cujos elementos principais devem ser salvos da tormenta.

E' o aproveitamento de todas as oportunidades favoráveis que os acontecimentos nos possam oferecer.

¿Não nos apontou Krapótkine uma dessas oportunidades na organização da alimentação pública por meio de cozinhas comunistas, e que tantas simpatias conservaria e mesmo ganharia para os revolucionários sociais entre as massas operárias?

Não, a tarefa útil e bem nossa não nos falta; e agora é que vem a pelo proclamar com energia, a debatida regra:

A nossa tarefa basta-se a si mesma... e basta-nos a nós!

Agora e na hora da reconstituição da internacional sobre bases mais livres e federalistas, e mais proletárias também.

RÓDÉNDO

Ha p'rái muito marau (trespeitavel mercetiro,) que, de arrobos, um milheiro, ou mais, tem de bacalhau no armazem, açambarcado, para o expor no mercado, mais tarde, por bom cacau...

Esse facto dá ensejo—conforme li nos jornais—de apodrecer aos quintais o laboroso badejo, contra o que eu já me revolto, e um grito de—alérral solto porque um roubo nisso vejo.

Para que o fiel amigo o não se torne a estragar, o povo deve obrigar os seus donos, p'ra castigo, a polo barato, á franca, senão dê-lhes c'uma traca. ...Outro meio não lobrigo.

Amilco.

Realidades más...

Tomando-nos por pacifistas e atribuindo-nos a idea de que a guerra era impossível, os patriotas discursadores, depois de um hino ao «generoso sonho pacifista» concluem sempre assim: «Infelizmente, a guerra é a única realidade».

E' só por isso que devemos ser guerreiros e bater-nos de boa mente pelos interesses burguezes? A esses jesuitas ou patetas oferecemos uma lista incompleta de realidades más:

- O Estado;
- O Capitalismo;
- A Igreja;
- A ignorância;
- A desorganização das massas;
- A peste;

Os oradores patrioteiros; etc. E é precisamente porque essas tristes realidades são reais que nós as combatemos.

Ora vejam lá os oradores Acácios a nossa telhal...